

Presença ativa em mais de 4 décadas de cinema brasileiro

Nem Glauber Rocha foi tão influente. Néelson Pereira dos Santos de temperamento em tudo oposto ao barroco cineasta baiano, agiu sempre, e ativamente, nos bastidores. Formado nas fileiras do Partido Comunista Brasileiro, aprendeu a trabalhar como formiga.

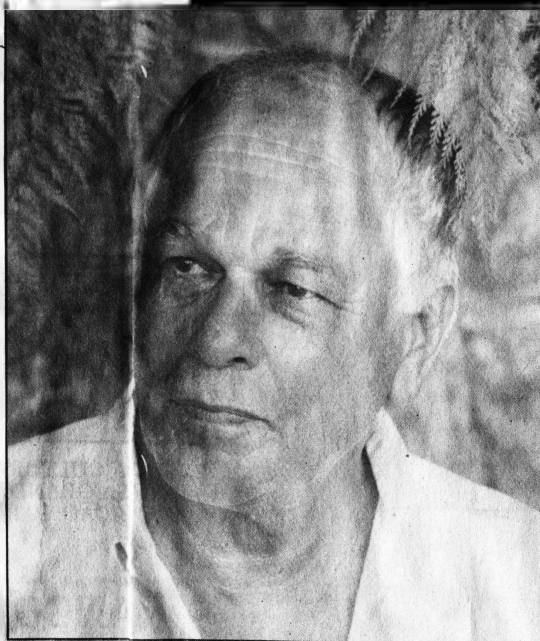
Há mais de quatro décadas, ajuda a escrever a história do cinema brasileiro. Hoje, aos 65 anos, ocupa-se com três projetos: um especial para a TV Inglesa sobre o Centenário do Cinema, baseado no livro *Melodrama — O Cinema de Lágrimas na América Latina*, de Sílvia Oroz, e os longas *Castro Alves* e *Langsdorff*.

Autor de 16 longas-metragens e de um episódio no filme *Insônia*, além de alguns curtas, médias e programas de TV, Néelson é figura de proa no cinema brasileiro desde 1955, quando lançou o seminal *Rio*.

40 Graus. Antes, fora assistente de direção de *O Saci*, de Rodolfo Nani (1951/53) e de *Aguilha no Palheiro*, de Alex Vianny (53). Estreou na direção com o longa *Rio, 40 Graus*, primeira parte de Trilogia do Rio, seqüenciada com *Rio Zona Norte* (57) e que se fecharia com *Rio Zona Sul*. Este filme não foi feito, mas estudosos de sua obra aceitam a *El Justicou* (1966) como fecho da trilogia carioca.

O cineasta, roteirista, produtor, montador e ator Néelson Pereira dos Santos (ele protagonizou o filme *Mandacaru Vermelho*) inscreveu seu nome nos quatro filmes mais importantes da fase estudada por Mariarosaria Fabris. Foi assistente de direção de Alex Vianny; roteirista, produtor e diretor de *Rio, 40 Graus* e *Zona Norte*; argumentista, co-roteirista e produtor de *O Grande Momento*, do amigo Roberto Santos.

Quando o bulhoso Glauber Ro-



Néelson Pereira dos Santos tem biografia de Castro Alves entre seus projetos

cha chegou ao Rio, em 1960, com *Barravento* debaixo do braço, procurou Néelson para montá-lo. O cineasta continuou disseminando suas idéias, sempre sem grande estardalhaço. Ajudou a implantar o curso de Cinema da UnB, onde realizou o curta *Fafa Brasília*, com alunos, e acabou na UFF (Universidade Federal de Cinema) quando aguda crise política fechou o curso brasileiro.

Em 1974, atraiu atenções ao realizar *O Amuleto de Ogum*. Buscou na cultura popular munição para um filme que buscava diálogo com o grande público, amedrontado por filmes neobarrocos (a definição é de Antônio Houaiss) como *Azyllo Muito Louco*, do próprio Néelson; *Pindorama, de Jabor*, e *Os Deuses e os Mortos*, de Ruy Guerra.

Nos anos embraxíflicos, exerceu influência muda, mas imensa. Não dirigiu nenhum campo de bilheteria, mas vendeu muitos ingressos com o populista (seu pior filme) *A Estrada da Vida*, estrelado por Millionário e José Rico. Produziu, porém, uma das cinco maiores bilheterias da história do cinema brasileiro, *A Dona do Lotação*, de Neville d'Almeida. (MRC)